

O conhecimento geográfico das camadas sociais não letradas em Atenas e Roma (sécs. V a.C.-II d.C.)

The geographic knowledge of non-literate social strata in Athens and Rome (5th century BCE-2nd century CE)

DUECK, D. *Illiterate Geography in Classical Athens and Rome*. London: Routledge, 2021. 265p.

Guilherme de Aquino Silva*

Recebido em: 22/08/2023
Aprovado em: 12/10/2023

Por muito tempo, os historiadores privilegiaram as fontes textuais em detrimento de outros vestígios legados pelos antepassados, atitude essa que vem sendo rompida nas últimas décadas, sobretudo pela aproximação da História com a Arqueologia, que proporcionou a investigação de novos temas e a inclusão de fontes materiais às pesquisas. À vista disso, o livro *Illiterate Geography in Classical Athens and Rome*, de Daniela Dueck (2021),¹ preenche uma lacuna na historiografia acerca da geografia antiga, pois, além de elencar fontes de natureza não textual, volta o olhar para as camadas sociais iletradas, buscando identificar a maneira pela qual o conhecimento geográfico foi produzido e divulgado entre aqueles que não tiveram o privilégio de estudar.

As fontes textuais antigas que tratam de questões geográficas, decerto, são relevantes para entendermos o modo como os antigos representavam o seu espaço e o do "outro". Contudo, há que se destacar que as informações transmitidas pelas fontes textuais são provenientes da elite letrada, ou seja, de uma pequena parcela da população, que ocupava cargos ligados à política, ao exército e à educação da época.

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGHIS/Ufes), sob orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Mestre e graduado em História pela mesma instituição. Bolsista Capes e membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES).

¹ Professora do Departamento de História Geral da Universidade Bar-Ilan, em Israel. Além da obra que resenhamos, Daniela Dueck publicou outros textos acerca da Geografia antiga, alguns dos quais são indicados nas referências como sugestão de leitura.

Se nos restringirmos aos dados disponibilizados por essas fontes estaremos limitados pelos discursos elaborados pela elite e direcionados somente a esse segmento social ou apenas a pistas distorcidas de outros grupos que elas legaram a nós. No entanto, os tratados geográficos podem nos levar ao erro de acharmos que somente a elite detinha conhecimento a respeito do espaço. A obra alvo desta resenha demonstra que, pelo contrário, as informações de cunho geográfico se espalhavam no âmbito de camadas menos abastadas, que não tinham acesso às obras escritas, seja por não saberem ler, por não terem recursos suficientes para adquirir um exemplar ou, ainda, por não frequentarem as bibliotecas. Desse modo, entende-se que os não letrados também dispunham de certo conhecimento geográfico, sobretudo aqueles que necessitavam de aplicá-los no dia a dia, como os comerciantes que se aventuravam por lugares desconhecidos, os quais, inclusive, forneciam informações aos membros da elite.

Ao lado da tradição geográfica transmitida pelos tratados, havia uma geografia das camadas subalternas, que se disseminava por meios não literários e dizia respeito a assuntos como a topografia, a paisagem local, a localização de lugares, as distâncias, a forma do mundo conhecido, e as regiões e grupos étnicos que viviam nos lugares mais longínquos. Para analisar o conhecimento geográfico que circulava na sociedade grega e romana, Dueck se debruçou sobre um conjunto de discursos produzidos para serem verbalizados em público, e que foram preservados em manuscritos que chegaram à atualidade. Tais pronunciamentos, por terem sido proferidos em praça pública, atingiram indivíduos de diversas categorias sociais. Outro meio de propagação de informações geográficas nas camadas subalternas foram as performances públicas, como os triunfos, nos quais grupos étnicos derrotados por Roma eram expostos pelos generais romanos, proporcionando à população um contato direto com o inimigo vencido, de modo a contemplar sua fisionomia, seus objetos e vestimentas, por vezes até então desconhecidos na capital do Império. Por fim, a autora se vale de um conjunto de fontes iconográficas, como pinturas em vasos, monumentos triunfais, mosaicos, esculturas, relevos e moedas, todos disponíveis à população. Essas figuras representavam lugares e pessoas e eram formas de demonstrar ao público o que poderia ser visto nas diversas regiões do *orbis Terrarum*. Sendo assim, o conhecimento geográfico não era monopólio de apenas um grupo restrito da sociedade, mas difundido por meio de discursos não textuais, como os que acabamos de citar.

No que concerne à estrutura da obra resenhada, ela é dividida em sete capítulos. No primeiro deles, Dueck explica o objeto de sua pesquisa. A autora analisa a geografia produzida no interior dos estratos subalternos das sociedades grega e romana, que se diferenciava em determinados aspectos daquela praticada pelas elites. Enquanto os

membros das elites se preocupavam em explicar fenômenos astronômicos e matemáticos, o conhecimento geográfico dos subalternos se voltava a questões mais práticas, isto é, às ações cotidianas que deveriam ser executadas por comerciantes e militares. Como os iletrados não deixaram registros, Dueck elabora inferências a partir de um conjunto de fontes textuais (discursos orais transmitidos em textos), epigráficas e iconográficas. Dentre outros assuntos, a autora demonstra em que medida os processos de expansão grega e romana foram cruciais para a ampliação dos horizontes geográficos não apenas das elites, como também das camadas subalternas.

O segundo capítulo, denominado *Speeches*, é dedicado aos discursos proferidos à multidão em Atenas e Roma. Dueck parte do pressuposto de que as mais diversas camadas das sociedades ateniense e romana participariam como ouvintes dos discursos públicos pronunciados nas assembleias e nos tribunais. Essas declarações, que chegaram aos dias atuais sob a forma escrita, veicularam um fluxo de informações de cunho geográfico à população em geral. Dueck analisa os discursos atribuídos aos dez oradores áticos: Antifonte, Lísias, Andócides, Isócrates, Iseu, Licurgo, Hipérides, Ésquines, Demóstenes e Dinarco, além do que foi dito publicamente por Tucídides e Cícero. O intuito dessa pesquisa foi extrair das fontes as informações geográficas às quais supostamente a população geral teve acesso e apresentá-las ao leitor por meio de quadros e mapas, além de realizar uma minuciosa análise dos dados. Desse modo, a partir da leitura dos oradores áticos, Dueck conclui que o conhecimento geográfico que os ouvintes poderiam obter dizia respeito a topônimos, mas também continha informações descritivas, como a prática da navegação, a demarcação de fronteiras, os desastres naturais que afetaram determinada região, as relações políticas entre grupos étnicos, as características culturais das populações que viviam no Mediterrâneo e adjacências, entre outros tópicos. No caso dos oradores áticos, a maior parte dos dados se refere à Grécia continental e às ilhas do Egeu, apesar de o entorno também receber atenção em casos como o do discurso de Demóstenes, cujos topônimos citados abrangem uma área maior. Isso leva a crer que os atenienses que viveram entre os séculos V e IV a.C. sabiam muito mais sobre o Mediterrâneo Oriental do que a respeito das regiões ocidentais.

Com o propósito de averiguar os topônimos e demais informações geográficas transmitidas à população ateniense, os discursos registrados por Tucídides também são analisados por Dueck. Uma de suas conclusões é que os discursos abordam as seguintes extremidades: Sicília, a Oeste; Macedônia, Trácia e Cítia, a Norte; Índia, a Leste; e Náucratis, no Egito, a Sul. Dinarco é o único orador que cita a geografia da Índia em

seus discursos, o que demonstra o quanto as campanhas de Alexandre expandiram o conhecimento dos gregos a respeito das regiões do Oriente.

Ainda nesse capítulo, Dueck analisa os discursos políticos e legais de Cícero, que foram falados à população de Roma. Verificam-se muitas menções às regiões da Península Itálica e Sicília, e poucas referências ao Mediterrâneo Oriental, o que evidencia a transformação geopolítica pela qual o mundo mediterrânico passou entre os séculos IV e I a.C., isto é, a hegemonia romana sobre aquele território. Os pontos extremos mencionados por Cícero lançam luz sobre o fenômeno da ampliação do conhecimento geográfico: Gades, a Oeste; o Lago Meótis, a Norte; a Índia, a Leste; e o Egito, a Sul. Não se pretende afirmar que o conhecimento era profundo, tampouco que as pessoas soubessem criar mapas mentais e compreender conteúdos geográficos mais elaborados, todavia lugares e grupos humanos são mencionados nos discursos e esses dados estavam à disposição das massas, o que permite concluir que os iletrados possuíam noções básicas de geografia.

No terceiro capítulo, cujo título é *Drama*, Daniela Dueck analisa o conteúdo das peças teatrais, que tinham como espectadores pessoas de diversos estratos sociais, incluindo crianças, mulheres, escravos e estrangeiros. O teatro, portanto, era um local propício à divulgação em massa de informações de cunho geográfico. No tocante à tragédia grega, a autora analisa as peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Segundo Dueck, Ésquilo era membro da elite ateniense e teria participado de batalhas contra os persas, o que lhe proporcionou o conhecimento de lugares distantes. Em suas peças, há detalhes acerca da geografia, como no caso de *Persas*, obra na qual o autor descreve o palácio do rei persa, em Susã. Ao todo, existem 162 topônimos nas peças de Ésquilo, a maioria referente às regiões do Egeu e da Ásia Menor, embora haja também menção a regiões distantes, como a Sicília e o lago Meótis. Outras peças analisadas por Dueck nesse capítulo foram aquelas escritas por Sófocles, autor proveniente da elite da cidade de Atenas e que, por isso, obteve uma boa educação e pôde conhecer muitos lugares. Foram catalogados 114 topônimos nas obras de Sófocles, cuja maioria remete ao Egeu, apesar de mencionar sítios da Península Itálica, Cítia, Líbia e Índia. Sófocles descreve paisagens e grupos humanos, indica distâncias, entre outras informações de cunho geográfico que estavam à disposição dos espectadores de suas peças. Nas tragédias de Eurípedes, Dueck catalogou 150 topônimos, e, assim como no caso dos demais autores, a Grécia e a Ásia Menor são seu foco. Os extremos citados são a Sicília, o lago Meótis, a Líbia e a Bactria. Além dos topônimos, o autor fornece alguns detalhes sobre a hidrografia, o clima, a riqueza mineral e a distância entre locais. Como destaca Dueck, é comum os autores mesclarem informações geográficas completamente mitológicas

com aquelas do mundo real. Diversas outras fontes atenienses são analisadas nesse capítulo. No entanto, destacamos os resultados obtidos pela análise das comédias de Aristófanes. Segundo a autora, os assuntos tratados nessas peças diziam respeito à vida cotidiana, de modo que eram mais populares do que os temas das tragédias, mais ligados à tradição da elite letrada. Assim como nas tragédias, nas comédias de Aristófanes, dos 128 topônimos citados, a maioria é relacionada à Grécia e ao Egeu, enquanto os pontos extremos mencionados são: Tartessos, na Península Ibérica; Líbia; Ecbátana; e lago Meótis. Além dos topônimos, há detalhes geográficos de lugares, pessoas, animais, plantas, bebidas e objetos.

Após analisar as peças teatrais gregas, Dueck se debruça sobre o teatro romano, com ênfase nas obras de Plauto, Terêncio e Sêneca. A autora conclui que o conhecimento geográfico expresso nas obras latinas abrange um espaço do *orbis* um pouco maior em relação às obras gregas. Apesar dessa diferença, o foco das informações geográficas continuaram sendo a Grécia continental e a região do Egeu, o que é explicado pelo fato de os latinos terem se baseado nos temas descritos na tragédia e comédia gregas. Por outro lado, houve uma mudança no conjunto de dados disponíveis a um autor romano se compararmos àquele que os atenienses detinham. Essa transformação ocorreu graças às conquistas romanas de regiões até então desconhecidas. Sendo assim, pode-se afirmar que, por meio das peças teatrais, a população em geral absorvia informações geográficas, como distâncias entre lugares; rotas comerciais; grupos humanos e seus costumes; além da fauna e flora de regiões distantes.

Como percebemos, os capítulos dois e três são voltados para as informações geográficas, como topônimos, etnônimos e descrições mais detalhadas, que eram transmitidas da elite para um público-alvo composto por indivíduos de diversas categorias sociais. No quarto capítulo, intitulado *Proverbs and idioms*, por sua vez, Dueck direciona as análises para os provérbios e as expressões idiomáticas, que se originavam e se popularizavam no âmbito dos estratos subalternos. Em grande parte, são fruto de impressões, às vezes estereotipadas, dos lugares pelos quais percorriam os soldados e os comerciantes. Dueck indica que não é possível saber o quanto as expressões circulavam nas sociedades antigas, estando ao seu alcance apenas a possibilidade de evidenciar quais dados geográficos estavam disponíveis à população. As fontes textuais mais utilizadas pela autora são as coleções gregas e latinas de provérbios e expressões idiomáticas, embora os dicionários e léxicos de grego e latim também tenham sido consultados. De maneira geral, dentre os assuntos constantes nessas frases estão a localização de lugares; as distâncias entre locais; as características do ambiente natural (fauna, flora e clima); os recursos naturais e os produtos comercializados; as especificidades culturais

dos grupos étnicos; além da história e da mitologia dos diferentes grupos humanos. Em meio a representações estereotipadas de tribos que habitavam regiões distantes, é possível constatar referências fidedignas, como topônimos e etnônimos.

O quinto capítulo, denominado *Spectacles and public shows*, versa sobre os espetáculos e apresentações públicas. Tanto em Atenas quanto em Roma, esses eventos ocorriam de forma costumeira, disponibilizando às massas não apenas entretenimento, como também informações de cunho geográfico. Dentre os tipos de eventos analisados, contam-se competições esportivas, procissões triunfais, apresentações de animais e encenação de batalhas. Os dados utilizados por Dueck para realizar suas análises foram obtidos por meio de fontes escritas, que foram registradas por aqueles que supostamente teriam presenciado os espetáculos. Entre os atenienses, destacam-se os festivais religiosos de âmbito local, como as Panateneias e as Dionisíacas; e, por outro lado, os Jogos Pan-Helênicos, de caráter mais abrangente. Todavia, ambos os tipos de eventos contavam com a presença de delegações de várias *poleis*, o que contribuía para o compartilhamento de informações sobre diversos lugares, bem como para o estabelecimento de um processo de afirmação identitária entre cidadãos que pertenciam a *poleis* distintas e que, por isso, se diferenciavam em alguns aspectos. Os romanos, por outro lado, tinham acesso à geografia por meio dos triunfos, que nada mais eram que cerimônias públicas nas quais o exército exibia inimigos derrotados e despojos de guerra. Portanto, é possível afirmar que a expansão romana contribuiu para a aquisição de dados acerca de territórios até então desconhecidos. Além dos triunfos, outros eventos, desta vez realizados no circo, transmitiam aos espectadores elementos de caráter geográfico. Dentre esses eventos estão as exposições de animais exóticos, como leões, ursos, elefantes e girafas; as lutas de gladiadores; e, por fim, as encenações de batalhas, que apresentavam ao público diversos grupos étnicos, com suas características físicas e culturais específicas.

No sexto capítulo do livro, intitulado *Visualizing geography*, Dueck analisa um conjunto de fontes iconográficas e epigráficas. Aqui, o objetivo é evidenciar o modo como informações geográficas foram disponibilizadas à população iletrada de Atenas e Roma mediante recursos visuais. Por isso, a autora recorre a elementos como a cartografia; as imagens de paisagens; as figuras de seres humanos, animais, plantas, acidentes geográficos e objetos; e, por fim, a personificação de certos lugares e acidentes geográficos. Conforme demonstra Dueck, as figuras com referências geográficas foram introduzidas em diferentes suportes. No contexto ateniense, elas foram gravadas sobre vasos, além de relevos e moedas. No caso romano, as imagens estão presentes em monumentos triunfais, retratos, moedas, mosaicos, mapas e

inscrições epigráficas. Importa ressaltar que atenienses e romanos, letrados ou não, tinham acesso, por meio da observação das representações iconográficas, a um vasto conjunto de dados acerca da *oikoumene*, tais como a natureza física; a fauna; a flora; bem como aos grupos humanos que habitavam regiões longínquas, os quais eram comumente apresentados sob uma ótica eivada de preconceitos e estereótipos. Todavia, isso não nos impede de enxergarmos nessas representações um esforço de propagação do conhecimento geográfico. No tocante à cartografia, verificam-se, em Roma, alguns desenhos que podem ser considerados como mapas rudimentares. É o caso do monumento *Forma Urbis Romae*, datado da transição do século II para o III. Trata-se de um bloco de mármore no qual se esculpiu, a pedido de Septímio Severo, um mapa da cidade de Roma. Conforme assinala Dueck, o monumento visava à exaltação da grandiosidade da capital do Império, sem se pretender a uma exibição detalhada e precisa de referenciamento topográfico. Em resumo, Dueck demonstra, neste capítulo, a maneira pela qual diversas categorias sociais poderiam ter acesso ao conhecimento geográfico por meio de elementos iconográficos e epigráficos, não sendo necessário, para tanto, que tivessem vasto domínio do latim.

No sétimo e último capítulo da obra, cujo título é *The scope of an illiterate geography*, Dueck destaca a impossibilidade de sabermos o que os iletrados realmente absorviam do conhecimento geográfico ao qual tinham acesso. Nesse sentido, os dados analisados pela autora se encontram no nível mais próximo do que se consegue chegar no que tange ao conhecimento dos iletrados a respeito da esfera geográfica, tendo em vista que esses indivíduos não deixaram registros do que sabiam. Em outras palavras, temos um conjunto de fontes que nos revelam os temas aos quais o público em geral tinha acesso, mas não conseguimos avançar no que diz respeito à recepção e circulação de tais dados entre os iletrados. Entretanto, podemos afirmar que a geografia produzida e praticada pelos subalternos era simples, isto é, não continha abstrações teóricas elaboradas, além de ser proveniente sobretudo da prática cotidiana, visto que muitos indivíduos, como soldados e comerciantes, tinham contato com outros lugares durante suas viagens.

Concluimos esta resenha afirmando que a obra cumpre um importante papel de deslocar o foco dos textos produzidos pela elite letrada, exaustivamente explorados pela historiografia, propondo um olhar voltado para as massas. Dessa maneira, indicamos a leitura de *The geographic knowledge of non-literate social strata in Athens and Rome* àqueles que se interessam por compreender a relação dos gregos e romanos – letrados e iletrados – com questões geográficas.

Referências

- DUECK, D. *Geography in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University, 2012.
- DUECK, D. *Illiterate Geography in Classical Athens and Rome*. London: Routledge, 2021.
- DUECK, D.; LINDSAY, H.; POTHECARY, S. (ed.). *Strabo's cultural Geography: the making of a "Kolossourgia"*. Cambridge: Cambridge University, 2005.
- DUECK, D. *Strabo of Amasya: a Greek man of letters in Augustan Rome*. London: Routledge, 2000.
- DUECK, D. (ed.) *The Routledge Companion to Strabo*. London: Routledge, 2017.